

mapa de sentidos da nossa cultura. No entanto, esses fragmentos de brasilidade, que serão aqui remontados como um quebra-cabeças em busca de sua figura maior, são detalhes quase sempre pouco observados quando falamos do Brasil.

De fato, eles não são parte do acervo tradicional das análises ditas *sérias* sobre o Brasil. Afinal de contas, jogos de futebol e aprendizados infantis não são experiências assumidas como *instâncias decisivas* da nossa vida social, muito ao contrário gravitam longe delas. Não são fragmentos provindos dos espaços legitimados dos grandes temas ou das perspectivas explicativas nobres e abrangentes. Não se trata de investigar *verdades* brasileiras que se ocultam sob o signo da *ordem* e do *progresso*, sancionadas pelo poder da esfera política, dos impasses econômicos, dos movimentos sociais poderosos ou decisões legislativas de porte. Não se trata, pois, do repertório contido nas chamadas grandes questões nacionais - *coisas sérias* como economia ou governo. Vamos pensar o Brasil pelo *detalhe*. Mas o detalhe pode ser fortemente revelador. Ao menos é isso o que aprendemos desde pequenos, ouvindo futebol no rádio. Os tradicionais repórteres de campo recriam os lances atrás do gol, dando justamente os *detalhes* que iluminam de emoção nossas partidas. Naquele contexto meio mágico, *detalhe* não quer dizer *pequeno* ou *sem importância*. Muito ao contrário é exatamente o *detalhe* que possui a força da *revelação*.

Assim, quero enfatizar como o Brasil pode falar de si mesmo, talvez de forma mais eloqüente, através da esfera da cultura. Quero chamar a atenção para as estampas do Brasil, aqueles desenhos e retratos cotidianos que são acionados a partir de fragmentos, insistindo em povoar nossa imaginação. Pedacos de um imaginário coletivo, onde investimos a típica

dramaticidade da experiência vivida intensamente. Vamos, pois, conversar sobre nossa infância e sobre o sentimento gostoso da vitória no futebol.

II. Antes, porém, de investigar estes episódios, essas situações, esses *detalhes-significativos-que-revelam-nossas-vidas*, é importante examinar, de maneira um pouco mais detida, uma dimensão estrutural do imaginário brasileiro. Trata-se de uma dimensão ideológica - que chamaremos de *eixo da ambigüidade* - marcado pela presença de éticas dúplices, compondo um universo de valores como marca paradoxal de nossa cultura (DaMatta, 1985). Através desta perspectiva é possível oferecer o sentido devido a um amplo conjunto de experiências que vivemos com muita frequência.

É necessário, portanto, aprofundar um pouco mais a discussão em torno de alguns valores, recuperando o sentido de noções como *mistura*, *divisão*, *dilema* e *ambigüidade*. De fato; trata-se de pensar nossa cultura, levando em consideração seus valores paradoxais, seus dilemas éticos e ambivalência simbólica. Todos estes temas são de extrema importância na estrutura ideológica brasileira.

Vamos então conhecer as formulações de um viés interpretativo da nossa cultura, que acentua sua dimensão paradoxal. A presença de éticas dúplices e elementos ambíguos no imaginário brasileiro é uma realidade claramente identificada pela Antropologia Social contemporânea. Esta perspectiva permite acessar algumas das principais metáforas utilizadas em nossa vida cotidiana e que são componentes de um quadro referencial central na cultura brasileira. A idéia de um "dilema brasileiro" (DaMatta, 1979) traduz ambigüidades presentes nos valores com os quais pensamos a nós mesmos, elaboramos a nossa prática social ou

Não se trata, pois, do repertório contido nas chamadas grandes questões nacionais - coisas sérias como economia ou governo. Vamos pensar o Brasil pelo detalhe.

A presença de éticas dúplices e elementos ambíguos no imaginário brasileiro é uma realidade claramente identificada pela Antropologia Social contemporânea.

como forma básica através da qual nos relacionamos com nossas instituições.

Aqui é necessário frisar que a idéia de uma cultura atravessada por eixos, estruturas e éticas contraditórios não é nova nas reflexões sobre o Brasil, os brasileiros e sua sociedade. Em que pese a formulação mais enfática, sistemática e rigorosa deste tema em nossa Antropologia ser relativamente recente¹ a questão dos dilemas, divisões e ambigüidades, como estruturas atuantes em nosso sistema simbólico, pode ser localizada anteriormente.

Na verdade, um de seus pontos de referência se encontra na obra clássica de Gilberto Freyre (1975), "Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal", publicado em 1933. Portanto, podemos constatar que a idéia de uma cultura e de uma sociedade dividida, a idéia de uma complexa dualidade que se expressa em termos paradoxais, está presente na reflexão antropológica sobre o Brasil há mais de sessenta anos. Vamos então acompanhar como esta questão assume a sua forma primordial no pensamento de Gilberto Freyre. Assim, já no início do *Casa Grande e Senzala*, ele fala dos dilemas e do esforço de equilibrá-los que está presente na sociedade brasileira:

Considerando de modo geral, a formação brasileira tem sido (...) um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o

mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo. (Freyre, 1975:53)

Ao enfatizar estas ambigüidades, Freyre está equacionando aspectos da nossa dualidade, mostrando como a experiência de dilemas e divisões é parte integrante da formação da cultura brasileira. Ele está assinalando um paradoxo essencial no sistema. Por outro lado, Freyre acredita em uma espécie de tendência constante, ou ao menos uma busca do equilíbrio entre antagonismos. Para ele, antagonismos equilibrados e compensados atestariam o possível enriquecimento da nossa cultura por força de uma espécie de mistura positiva e saudável. Assim, antagonismos e dualidades podem acontecer na cultura ...

E não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor de imaginação e emoção do grande número e, de outra, pelo contato, através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da Europa. Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberdade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil. (Freyre, 1975:52)

Sintetizando a questão, Freyre tenta compatibilizar os antagonismos. É como se a cultura brasileira desejasse ver seus dilemas conjurados. Ambigüidades e antagonismos viram apenas positividade, uma saudável

Ao enfatizar estas ambigüidades, Freyre está equacionando aspectos da nossa dualidade, mostrando como a experiência de dilemas e divisões é parte integrante da formação da cultura brasileira.

¹ Aqui penso, sobretudo, nos trabalhos seminiais de Roberto Da Matta reunidos nos livros "Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro" (1979), "A Casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil (1985)" e "Conta de Mentiroso: Sete ensaios de Antropologia brasileira" (1993).

mistura os equilibra, e eles se realizam num plano potencial das forças harmonizadoras dos contrários.

Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta, o ex-senhor e o ex-escravo. (...) Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e de experiências diversas: quando nos completarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro. (Freyre, 1975:335)

De fato, se fosse possível retirar dos antagonismos só a positividade - opostos domesticados e harmônicos -, nossa cultura teria feito a síntese mágica, experimentando o melhor de dois mundos. A cultura brasileira é, porém, mais complexa. Tudo parece indicar que a escolha que realizamos não é sintetizar o *melhor* de cada vertente antagônica. A questão não se coloca em termos da síntese positiva, nem em termos da demarcação nítida das fronteiras e nem, ainda, em termos da destruição de um dos polos do sistema. O que fazemos concretamente é operar com os dois lados opostos de forma simultânea. E, por vezes ainda, criar um terceiro termo que não é síntese, mas negação, renúncia ou perplexidade diante dos outros dois.

A perspectiva mais consistente para entender a cultura brasileira, a partir dos dilemas e ambigüidades, passa pela idéia da perene convivência de contrários. Uma alternância entre realidades simbólicas, valorativas e éticas, governando nossa visão de mundo e nossas práticas cotidianas. É isto o que constatamos através das duas formas de operação simbólica que convivem na cultura brasileira.

Assim experimentamos a vida social no Brasil como um combate, uma oposição entre a universalidade da

esfera pública, do mercado e das leis gerais e o mundo privado das turmas, amigos, conhecidos, compadres, parentes e familiares. Estas instâncias - simbolizadas pela idéia da *casa* e da *rua* (DaMatta, 1985) - alternam realidades de nossa lógica cultural e podem explicar valores básicos vividos na nossa cultura. Vejamos, ainda, certas dimensões mais permanentes de nossa ambigüidade:

Como diz o velho e querido ditado brasileiro: "aos inimigos a lei, aos amigos, tudo!". Ou seja, para os adversários basta o tratamento generalizante e impessoal da lei, a eles aplicada sem nenhuma distinção ou consideração, isto é, sem atenuantes. Mas, para os amigos, tudo, inclusive a possibilidade de tornar a lei irracional por não se aplicar evidentemente a eles. A lógica de uma sociedade formada de "panelinhas", de "cabides" e de busca de projeção social (...) jaz, como estamos mostrando aqui, na possibilidade de ter um código duplo relacionado aos valores da igualdade e da hierarquia. (DaMatta, 1979:168)

Esta dupla possibilidade tem uma de suas dramatizações na idéia de uma ética *burocrática* e outra *pessoal*. Diferentemente do *equilíbrio* dos antagonismos e da positividade das misturas assinalado por Freyre, temos aqui o primado de um movimento de alternância entre realidades formadas por valores opostos. De fato, temos duas bases para pensar nosso sistema. O código *burocrático*, de leis gerais e repressão, formando uma vertente impessoal, universalizante e igualitária da cultura. O código *pessoal*, do jeitinho, das relações, da malandragem, operando em situações cotidianas concretas. No código *burocrático* nossa unidade é o

No código *burocrático* nossa unidade é o indivíduo, sujeito da lei, da regra e da repressão, no código *pessoal* nossa unidade é a relação, a pessoa e o que importa é o tratamento diferencial, a consideração, o favor.

A questão não se coloca em termos da síntese positiva, nem em termos da demarcação nítida das fronteiras e nem, ainda, em termos da destruição de um dos polos do sistema.

indivíduo, sujeito da lei, da regra e da repressão, no código *pessoal* nossa unidade é a relação, a pessoa e o que importa é o tratamento diferencial, a consideração, o favor. (DaMatta, 1979:169)

Assim experimentamos a convivência entre dois eixos valorativos, permitindo uma alternância das éticas ou a existência de códigos dúplices, em nossas ações sociais concretas. *Indivíduo/pessoa, malandro/Caxias, carnaval/semana da pátria, jeitinho/regra* ou *casa/rua* são categorias de pensamento, pares de oposição, modelos, expressando metaforicamente uma dualidade atravessadora da cultura brasileira. Mas, a alternância entre realidades simbólicas, o conflito ético e o complexo mapa de navegação social montado a partir dele, conduz, com frequência, para a dramática sensação de insuficiência do sistema. Assim a cultura brasileira elabora uma espécie de *renúncia* frente à impossibilidade de dissolver o paradoxo ao qual ela própria acaba por se submeter. Presa entre perspectivas que se antagonizam, a alternância ética não oferece condições permanentes para a resolução do dilema. Portanto, a sensação de insuficiência leva o sistema a produzir um terceiro termo que, em certos contextos, pode encompassar os outros dois. Acrescentamos, então, aos domínios da *casa* e da *rua*, um terceiro que DaMatta chama de *outro mundo*.

(...) qualquer evento pode ser sempre "lido" (ou interpretado) por meio do código da casa e da família (que é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso) pelo código da rua (que é aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista) e por um código do outro mundo (que focaliza a idéia de renúncia do mundo com

Indivíduo/pessoa, malandro/Caxias, carnaval/semana da pátria, jeitinho/regra ou *casa/rua* são categorias de pensamento, pares de oposição, modelos, expressando metaforicamente uma dualidade atravessadora da cultura brasileira.

suas dores e ilusões e, assim fazendo, tenta sintetizar os outros dois). Os três códigos são diferenciados, mas nenhum deles é exclusivo ou hegemônico, em teoria. Na prática, porém, um desses códigos pode ter hegemonia sobre os outros, de acordo com o segmento ou categoria social que a pessoa pertença. (DaMatta, 1985:41)

Assim os três códigos culturais - a *casa*, a *rua* e o *outro mundo* - são domínios da experiência que se alternam, articulando parte da ordem simbólica da cultura brasileira. Da dualidade original criamos o terceiro termo, percebemos nosso universo cultural como algo extremamente mais complexo do que o conflito ou a mistura pura e simples dos antagonismos. Na realidade, operamos simbolicamente com três dimensões da existência que se revezam nos mais variados contextos das práticas concretas de vida dos atores sociais.

Este quadro complexo - *o Brasil não é para principiantes*, teria dito Tom Jobim -, esta experiência da tríade simbólica, este triângulo ritual brasileiro composto de carnavais, procissões e paradas, com suas figuras paradigmáticas ou respectivos heróis - os malandros, os renunciadores e os caxias -, acaba se refletindo diretamente sobre as concepções básicas com as quais explicamos e vivenciamos nossas experiências². Assim, a estrutura simbólica da cultura brasileira invade as relações sociais, as interações entre os atores, as concepções institucionais, as práticas cotidianas, as representações do país e, sobretudo, as emoções que acionamos quando assistimos jogos de futebol ou estudamos o Brasil nos bancos escolares. É isto o que veremos a seguir.

Assim, a estrutura simbólica da cultura brasileira invade as relações sociais, as interações entre os atores, as concepções institucionais, as práticas cotidianas, as representações do país.

² Para um estudo mais detido dos debates desta complexa estrutura simbólica da cultura brasileira no universo das práticas profissionais, das empresas e do mundo do trabalho, ver Rocha, Everardo (1995b e 1995c)

III. Para verificar tudo isto melhor, vou começar descrevendo uma cena modelar do acervo de nossas experiências infantis. Vou contá-la na versão que testemunhei há poucos meses. Esta cena, entretanto, é muito antiga e constantemente repetida - no limite penso que acontece desde sempre - em todas as escolas brasileiras, em todos os tempos. Com certeza, qualquer inventário mais detido das representações brasileiras, atribuiria a ela um lugar de destaque. A cena se passa mais ou menos assim:

Meu filho de cinco anos, iniciando seu processo de alfabetização, sai da escola e encontra os pais no portão para recebê-lo. Eufórico, mal contendo em si a ânsia de falar, pergunta, atropelando as palavras:

— Pai! Pai! Você sabe quem descobriu o Brasil?

Eu, o pai perplexo, em dúvida se devia dizer ou deixar que me desse essa informação tão preciosa para ele, respondo, ganhando tempo...

— Humm, humm ... é..., sei... quem foi filho?

— Foi Pedro Álvares Cabral, você já sabia pai?

— Sabia sim.

— E a mamãe, também sabe?

— Sabe sim!

Não sei se meu filho teve uma ligeira decepção, pois conhecíamos algo que, naquele momento, representava um imenso tesouro ou se ficou feliz porque seus pais eram grandes sábios. De uma maneira ou de outra, a experiência traduziu a possibilidade de múltiplas descobertas. Para ele, o descobrimento do Brasil representou ao menos três planos de descobertas do Brasil. A primeira é o fato de que Pedro Álvares Cabral, efetivamente, *descobriu* o Brasil - um saber no mínimo operacional e utilitário na vida escolar. A segunda *descoberta* é que este conhecimento é amplamente compartilhado - encerrando alguma decepção com o

fato de que os tesouros podem ser obviedades. A terceira é bem mais sutil e complexa. Ele aprendeu, como de resto todos nós - em algum ponto de nossas vidas - aprendemos que o Brasil *descobre-se*.

O que quero compartilhar com você leitor, é a perplexidade contida nas questões suscitadas por esta experiência: representação tão querida no acervo das certezas. Vamos pensar a razão pela qual a idéia de que Cabral descobriu o Brasil é algo tão óbvio em nosso imaginário. Pensar o Brasil - espaço físico indefinido (ilha?, caminho?, passagem?, continente?) - como algo passível de descobertas. Pensar o papel desempenhado pelos valores do acaso ou do aleatório presentes nesta cena. E, finalmente, pensar esta certeza coletiva, este saber compartilhado, como marca distintiva brasileira.

Aqui é interessante especular se a pergunta "quem descobriu?" pode possuir algum sentido para crianças argentinas, holandesas ou chinesas. Se ela existe no imaginário de países como os Estados Unidos, Suécia, Japão, Nigéria ou Inglaterra? Será que todas as crianças de todos os países sabem - como um tesouro das descobertas - quem as descobriu ao descobrirem espaços? Como separam-se em outros contextos de aprendizados infantis geografia e nação, lugar e país, espaço físico e sociedade?

Creio que esta ênfase no descobridor é muito típica de nossa cultura brasileira. É muito possível que as crianças nos Estados Unidos falem de Colombo como o descobridor de um continente no qual se instalou - aí, com certeza, sem descobridores - a nação americana. Outras crianças, de outros países, talvez falem dos episódios de *construção* ou de *conquista*. Talvez falem de *processos* ou *formações* dos "estados nacionais", falando de fatos que, obedecendo a programas ou planejamentos - com disputas, conflitos, idas, vindas,

O que quero compartilhar com você leitor, é a perplexidade contida nas questões suscitadas por esta experiência: representação tão querida no acervo das certezas.

Em nosso caso, um único pai descobridor - no limite inventor - que ao descobrir a totalidade potencial brasileira - sobretudo por acaso como ensina o mito - além de ter chegado a um lugar, também chegou a uma nacionalidade.

negociações ou escolhas - acabaram por forjar uma determinada nacionalidade moderna.

Em nosso caso, um único *pai descobridor* - no limite inventor - que ao descobrir a totalidade potencial brasileira - sobretudo *por acaso* como ensina o mito - além de ter chegado a um *lugar*, também *chegou* a uma nacionalidade. Para ele, uma Ilha de Vera Cruz talvez ou quem sabe uma Terra de Santa Cruz. No entanto, sem jamais ter estado no Brasil, Cabral foi capaz de realizar sua descoberta. Descoberta que é a de todos nós, mas acima de tudo descoberta do inesgotável potencial agregado, no peso de ter que descobrir-se a si mesmo.

Mesmo sem realizar um aprofundamento maior, nos limites deste trabalho, das complexas discussões que podem estar envolvidas com esta representação da descoberta, creio que, de toda evidência ela se reproduz em inúmeras situações cotidianas em que somos chamados para, também como Cabral, inventar e descobrir o Brasil. Na verdade, não é outra coisa o que fazem nossos governos ao desejarem passar à limpo, inventar ou descobrir o Brasil, elaborando, para ficarmos apenas ao longo da década de oitenta:

(...) 8 programas de estabilização econômica. 15 políticas salariais. 54 alterações de sistema de controle de preços. 18 mudanças de políticas cambiais. 21 propostas de renegociação da dívida externa. 11 índices inflacionários diferentes. 5 congelamentos de preços e salários. 18 determinações presidenciais para cortes drásticos nos gastos públicos. (Henriques. 58:1993).

E isto sem contar com nossas múltiplas invenções do próprio Estado Brasileiro (e outras tantas reinvenções)

do qual fazem prova a legião de constituições que tivemos - e suas inúmeras reformas -, nosso *estado novo* nossa *nova república*, nossa *república nova*, nosso *Brasil novo* ou *grande* e outros tantos que tais. E como tudo isto se reproduz indefinidamente no cotidiano, quando assumimos uma pequena chefia de algum departamento obscuro e, no mínimo, *mudamos* qualquer coisa, descobrindo, criando ou reinventando procedimentos (no mínimo pintamos paredes). Absurdo seria o discurso de alguém que, assumindo um cargo qualquer (os públicos, em especial) declarasse (nessas horas sempre é imperioso declarar) que não vai fazer nada, nenhuma *boa nova*, pois tudo ali já está sendo bem feito...

Na verdade, aprender a descoberta do Brasil é, em certo sentido, aprender que estamos presos na compulsão das descobertas. É aprender uma representação onde somos jogados em tese, na prática *obrigatória* de atualizar o mito das *descobertas e invenções* em todos os contextos, onde a oportunidade exista, ainda que a necessidade não. Neste sentido, Roberto DaMatta, ao discutir o sentido da *mistura* no Brasil e da *exclusão* nos Estados Unidos, acaba falando da forma pela qual elementos comuns da história das Américas - Cabral e Colombo no caso - são diferentemente elaborados - como *descobertas e fundações* - nas respectivas identidades das duas sociedades:

Por outro lado, essas ideologias se reproduzem e se reforçam na percepção de que os Estados Unidos foram produzidos historicamente, isto é, foram fundados na implementação gradual e linear dos valores puritanos num território que ia imperialisticamente se ampliando; ao passo que, no Brasil, se fala numa descoberta feita por acaso,

Descoberta que é a de todos nós, mas acima de tudo descoberta do inesgotável potencial agregado, no peso de ter que descobrir-se a si mesmo.

Na verdade, aprender a descoberta do Brasil é, em certo sentido, aprender que estamos presos na compulsão das descobertas.

o que permite unir, num plano simbólico profundo, as idéias de sorte, encontro, milagre, mistura e hierarquia como forma de articular o relacionamento entre os diferentes. (DaMatta, 1993:131)

E ainda mais: é possível pensar como o fazem DaMatta e Barbosa (DaMatta, 1993:131) que *descobridores* são gramaticais com sociedades onde se combinam individualismo e holismo, os *fundadores*, articulam-se com as sociedades individualistas. De fato descobridores encompassam, são referência básica nas redes de relações, poderosos - afinal de contas quem inventou o Brasil foi seu Cabral, como ensina a música - são capazes de proezas e podemos depender deles para nossa salvação. Magicamente os descobridores podem resolver impasses, resgatar situações impossíveis e realizam feitos sempre memoráveis.

(...) na lógica das "descobertas", sobretudo das descobertas por acaso, a dinâmica social é traduzida por meio de um código natural que acentua a dinâmica biológica e surge na forma das familiares ideologias organicistas ou holistas. Com isso, as instituições sociais e os valores políticos ficam a salvo da discussão em termos das suas responsabilidades nos processos históricos e sociais. (DaMatta, 1993:105)

Os fundadores, por seu turno, estão presos na história, no jogo das negociações, nas instituições sociais...

Nas "fundações", a noção dominante é a de que agentes humanos, valores religiosos e instituições sociais, assumem posições relativamente às suas ações, discutindo opções políticas e históricas. Nelas pode-se descobrir uma prática

De fato descobridores encompassam, são referência básica nas redes de relações, poderosos - afinal de contas quem inventou o Brasil foi seu Cabral, como ensina a música - são capazes de proezas e podemos depender deles para nossa salvação.

instauradora que de certo modo obriga e torna imprescindível a explicitação dos elementos ideológicos e dos valores que aparecem com opções humanas e como história. Nas fundações, assim, enfatizam-se instaurações, rupturas, descontinuidades e conflitos. (DaMatta, 1993:105)

Dessa maneira, nossa descoberta escolar infantil da *descoberta do Brasil* aponta para discussões bem mais densas do que a operacionalidade das respostas certas nas provas. Mas, por mais longe que pareça, ela também tem ecos em partidas de futebol. Em certo sentido isto é natural já que os esportes (Helal, 1990) são excelentes metáforas, formas eloquentes de falar da vida social e da cultura. No entanto, o futebol possui um peso muito significativo quando se trata de pensar a sociedade brasileira, sua cultura e vida cotidiana. Assim como aprendemos sobre descobertas, descobridores, inventores, reinventores e salvadores da pátria brasileira, aprendemos sobre futebol. O que gostaria de discutir agora é exatamente o fato de que, também com o futebol, aprendemos a possibilidade ideológica das descobertas, milagres e salvação. Mas, diferentemente da *descoberta do Brasil*, onde sempre aprendemos uma mesma lição, o futebol do Brasil pode, por vezes, guardar ensinamentos bem diferentes. Penso que é este algo significativo que nos foi ensinado pela conquista do tetracampeonato.

IV. Quando somos pequenos aprendemos muita coisa sobre o futebol no Brasil. Os representantes do mundo *adulto* - pais, familiares, professores ou amigos - nos dão uma bola, nos ensinam as regras básicas do jogo, os primeiros movimentos, nos fazem torcer para algum clube e incentivam a nossa prática do jogo. Eles

Os representantes do mundo adulto - pais, familiares, professores ou amigos - nos dão uma bola, nos ensinam as regras básicas do jogo, os primeiros movimentos, nos fazem torcer para algum clube e incentivam a nossa prática do jogo.

também falam das grandes vitórias da seleção. Lembrando um pouco meu próprio passado e recuperando a memória que ficou, revejo-me falando as mesmas coisas para as crianças com as quais convivo.

E o que eram estas coisas? Falando das copas do mundo, lembramos a genialidade de Pelé, a loucura mágica de Garrincha, a classe de Tostão e Didi, a sobriedade de Nilton Santos, o estilo do capitães - Bellini e Carlos Alberto - erguendo a taça, o chute de Rivelino, a malandragem do Gérson, a raça de Zito e as arrancadas de Jairzinho. Estamos falando da conquista do tricampeonato em 58, 62 e 70 - definitivamente as copas mais amadas. Como o Brasil participou de todas elas, falamos mais, é óbvio, daquelas que vencemos. Porém, de toda evidência, preferimos as três copas que antecederam esta do tetra. Até, talvez, alguns de nós tenham mais carinho pelas seleções injustamente derrotadas nas copas de 50 e 82³. E aí existe algo que particularmente impressiona no estilo típico - como a edição de um filme - como contamos as histórias destas conquistas. As copas do tri são lembradas, antes de tudo, como a exibição do que seria o verdadeiro futebol brasileiro, desenhado em grandes rasgos de genialidade heróica de tipo espontânea e, no limite, improvisada E o que é isto o que chamamos de verdadeiro futebol brasileiro ou, antes, podemos dizer, as *verdades do Brasil* através do futebol?

Em primeiro lugar, parece que não tínhamos técnico nem comando formal ou se tínhamos eram figuras menores, quase decorativas. Assim, em 58, a lenda diz que Feola, o técnico, cochilava em meio às partidas ou que não havia escalado Pelé, por ser *criança*, nem Garrincha por ser *meio doido*. Quem vai *mudar o time*, serão os jogadores *veteranos*, em especial Didi, Bellini e Nilton Santos que, após o empate com a Inglaterra,

impõem ao técnico a escalação de Pelé e Garrincha. Em 62, Aymoré Moreira é um técnico pouco lembrado que praticamente repete o mesmo time de quatro anos antes. Em 70, a seleção comandada por Zagalo é vista como algo que não tinha absolutamente nada a ver com ele. Diz a lenda que o time foi formado somente por João Saldanha - técnico nas eliminatórias - que teria sido demitido por razões políticas.***

*** Continua no próximo número de Pesquisa de Campo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985
- DAMATTA, Roberto. *Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DAMATTA, Roberto. Entrevista in *Pesquisa de Campo*, nº1. Rio de Janeiro: Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975
- GUEDES, Simone Lahud. *O Salvador da Pátria: Considerações em torno da imagem do jogador Romário na copa do mundo de 1994*. In: *Pesquisa de Campo*. Nº1. Rio de Janeiro: Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, 1995.
- HELAL, Ronaldo. *O que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990
- HENRIQUES, Ricardo. *Economia em Rumos Sombrios: Inflação, Ordem e Violência*. In: *Na Corda Bamba: Doze estudos sobre a Cultura da Inflação*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1993
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As Origens da nossa Época*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.
- ROCHA, Everardo. *A Sociedade do Sonho: Comunicação, Cultura e Consumo*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1995
- ROCHA, Everardo. *Clientes e Brasileiros: Notas para um Estudo da Cultura do Banco do Brasil*. Brasília: Direc/Desed, 1995b.
- ROCHA, Everardo. *Cultura e Valores no CTAA: Notas para uma Antropologia das Organizações*. Rio de Janeiro, CTAA/Embrapa, 1995c.